

O CARÁTER PLURAL DA ADJETIVAÇÃO MACHADIANA

Ana Maria Pires Novaes

resumo: Este artigo objetiva analisar a adjetivação na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis e demonstrar como esse autor, ao manejar o sistema linguístico com originalidade e eficácia, extrai dele larga possibilidade expressiva. Na análise, serão considerados os diferentes processos por meio dos quais Machado de Assis explora as virtualidades da língua, estabelecendo, na arquitetura do texto, novos usos e sentidos imprevisíveis.

abstract: This article aims at analyzing the adjectives in Machado's work "*Memórias Póstumas de Brás Cubas*" and at demonstrating how this author, on manipulating the linguistic system with originality and efficiency, extracts great expressive possibility from it. In the analysis, the different processes will be considered by means of which Machado de Assis exploits the virtualities of the language, establishing, in the architecture of the text, new uses and unpredictable meanings.

Palavras-chave: adjetivo; expressividade; estilo.

Keywords: adjective; expressivity; style.

"E Deus sabe a força de um adjetivo, principalmente em países novos e cálidos".
(Machado de Assis, 1993, p. 73)

INTRODUÇÃO

Como elemento fundamental para a caracterização dos seres em geral, o adjetivo (ou qualquer expressão adjetiva) desempenha importante papel nos textos orais e escritos. Através dele, seres e objetos se distinguem, são descritos objetivamente ou enriquecidos de peculiaridades que lhes são atribuídas pela imaginação e sensibilidade humanas. Como afirma Guerra da Cal (1969, p.112), "na hierarquia das palavras é o adjetivo que comunica cor, nuance e tonalidade à expressão ; é a partícula de poder diferenciativo". Ainda para esse autor, "sem adjetivos, o substantivo perde clareza e individualidade, torna-se amorfo, despido, incolor". Dessa forma, o adjetivo se impõe como termo imprescindível tanto para a precisão do enunciado como para a sua expressividade.

No universo linguístico de Machado de Assis, em particular em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, objeto de nossas considerações, o adjetivo é, sem dúvida, a classe de palavras responsável pela tonalidade diferente de seu léxico e veículo mordaz da crítica à linguagem estereotipada de seu tempo.

DESENVOLVIMENTO

1. SELEÇÃO VOCABULAR E CAMPOS SEMÂNTICOS

Na seleção vocabular, Machado revela-se bastante ousado ao associar, de maneira particular, substantivo e adjetivo. Observa-se, com efeito, um alargamento do significado resultante de combinações e associações de idéias. Pelo contato que se estabelece entre as palavras, o conteúdo destas, muitas vezes, se altera e se expande para outros elementos da frase.

Esta capacidade do autor em lidar com as palavras se revela quando, na descrição do próprio enterro, o personagem-narrador, ao comentar o ambiente lúgubre do cemitério, coloca a natureza como co-participante da situação.

Acresce que chovia - peneirava - uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova: - "Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade.

Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado. (p.7)

O sentido dos adjetivos utilizados, enfatizado pelo recurso da conversão ("triste e constante, tão constante e tão triste"), acaba por contagiar todo o trecho.

Outro aspecto importante é a adjetivação do discurso proferido pelo "amigo", por meio do qual Machado de Assis ironiza a linguagem eloqüente da época, marcada também pelo tom solene do tratamento "vós". Já, na descrição feita no capítulo 45/ NOTAS, o pouco uso de adjetivos e o acúmulo de substantivos marcam um discurso inovador, conciso, que quebra com o tom sentimental esperado em cenas de velório e enterro.

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, toucheiros, convites, convidados que entravam, lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do caixão a prego e martelo [...] Isto que parece simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo. (p.46)

No capítulo 7/ O DELÍRIO, ao descrever a felicidade, utiliza os adjetivos "nebulosa, esquiva, precário" cujos sentidos, reforçados por verbos do mesmo campo semântico (fugir, sumir-se) e pela substantivação dos adjetivos "impalpável, improvável e invisível", configuram uma visão pessimista do mundo.

Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das coisas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cozidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura, - nada menos que a quimera da felicidade, - ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, com um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão. (p. 14)

Riquíssima é também a adjetivação usada na caracterização das personagens do romance. Por meio dela, o autor rompe com a fórmula tradicional de descrição, que privilegia os aspectos externos, para traçar-lhes o caráter, o comportamento:

Adeus, amores! Adeus, Marcela! dias de delírio, jóias sem preço, vida sem regime, adeus! Cá me vou às fadigas e à glória; deixo-vos com as calcinhas da primeira idade. (p. 28)

Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. [...] Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção - devoção, ou talvez medo; creio que medo. (p.35)

Palavra que o olhar de Eugênia não era coxo, mas direito, perfeitamente são; vinha de uns olhos pretos e tranqüilos [...] fitavam-se sem temeridade, nem biocos. (p.38)

Na descrição do personagem Viegas, os adjetivos e metáforas retratam a velhice como a ruína do ser humano: "A segunda pessoa, o Viegas, um cangalho de setenta invernos, chupado e amarelado, que padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado". (p. 62). Em oposição à decrepitude física, o olhar da personagem é definidor do seu caráter: "Os olhos, porém, luziam de muita vida e saúde. Virgília, nas primeiras semanas, não lhe tinha medo nenhum; dizia-me que, quando o Viegas parecia espreitar, com o olhar fixo, estava simplesmente contando dinheiro. Com efeito, era um grande avaro"(p. 62)

A imagem de Quincas Borba associa-se à corrosão do tempo, presença constante na obra machadiana. A seleção vocabular constrói a oposição passado x presente, e a deterioração do ser humano tem sua síntese no sintagma "toda essa ruína". Os adjetivos "roto, mendigo e gatuno" fundem personagem e tempo e, ao mesmo tempo, tornam a linguagem mais densa de significação.

Era o Quincas Borba, o gracioso menino de outro tempo, o meu companheiro de colégio, tão inteligente e abastado. [...] Não podia acabar de crer que essa figura esquálida, essa barba pintada de branco, esse maltrapilho avelhantado, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba. (p. 56)

[...] porque o encontro do Quincas Borba tornara-me aos olhos o passado, não qual fora deveras, mas um passado roto, mendigo e gatuno. (p. 58)

Em "Ele não era o Quincas Borba; era um desembargador sem beca, um general sem farda, um negociante sem déficit"(p.90), as locuções adjetivas caracterizam a personagem por ausência, enfatizando, ao mesmo tempo, sua nova condição - filósofo: "Um homem de tamanho espírito, um filósofo". (p.114)

2. COMBINAÇÕES INUSITADAS

É muito estreita a relação entre substantivo e adjetivo. São palavras lexicais e não entram no discurso só com o seu valor nocional, isolado, mas investidas de uma função sintática que expressa a relação entre termo determinado (substantivo) e termo determinante (adjetivo). Assim, a associação que deles resulta reflete, na maioria das vezes, uma união lógica, clara e precisa.

Slama - Cazacu (apud MARTINS,1989, p.77-78), ao fazer a distinção entre significado e sentido, isto é, entre a noção de palavra e seu emprego em uma situação específica, diz:

Existe em cada palavra, tal como na língua, algo que lhe imprime determinada constância e que impede o seu emprego arbitrário [...] Os diferentes significados móveis e cambiantes, os significados figurados, por exemplo, se desenvolvem a partir do significado central e fundamental, que é estável e cimenta por isso os outros significados secundários da palavra. A língua oferece amplas possibilidades de continuar criando, para as mesmas palavras, novos significados.

É com base nessa possibilidade de criação, latente na própria língua, que Machado de Assis rompe, muitas vezes, com alianças previstas, estabelecendo associações

inesperadas, denunciadoras de um estilo único. A possibilidade de combinar uma idéia, um sentimento ou uma faculdade humana com um termo concreto é recurso também utilizado pelo autor. Nesse tipo de combinação, os adjetivos envolvem os substantivos numa atmosfera semântica que ultrapassa a intenção qualificativa. [...] quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, [...] (p. 20) Não chorei; lembra-me que não chorei durante o espetáculo: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta. (p. 31) Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante. (p. 35) [...] os meus eram olhos da primeira edição. (p.42) [...] e o espírito ainda mais cabisbaixo do que a figura, - ou jururu, como dizemos das galinhas tristes. (p. 73) Virgília era um belo erro, e é tão fácil confessar um belo erro. (p.73) [...] há aí largo espaço para muita cousa, - a contração de um ressentimento, - a ruga da desconfiança, - ou enfim o nariz pálido e sonolento da saciedade... (p.83)

3. COLOCAÇÃO DO ADJETIVO NA FRASE

A ordem dos termos é um aspecto de máxima relevância para a feição estilística da frase e do texto, visto que determina o ritmo, a valorização de idéias e sentimentos e o próprio sentido.

Como a subdivisão dos nomes da língua portuguesa em substantivos e adjetivos obedece a um critério basicamente sintático-funcional, não raro há uma única forma para as duas classes de palavras. Nesse caso, a distinção só poderá ser feita na frase. A importância desse critério se evidencia na obra quando dele depende a própria estrutura narrativa. Machado, além de criar um personagem-narrador, cria também um autor fictício. No capítulo 1/ ÓBITO DO AUTOR, este diz aos leitores: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi um outro berço; [...]" (p. 7). Neste caso, a combinação substantivo/adjetivo é geradora de uma alteração semântica que é a própria razão da obra. Como esclarece Câmara Jr. (1977, p. 75), na colocação dos vocábulos na frase, "há padrões impostos pela língua, mas há também, sobretudo no português, uma margem de liberdade que é largamente aproveitada para a expressividade: assim sendo a colocação sintático-gramatical e a colocação estilística se coordenam e complementam."

De um modo geral, coloca-se, antes do substantivo, o adjetivo que exprime valor apreciativo e, depois, o adjetivo que enuncia a particularidade que caracteriza o objeto, definindo-o, distinguindo-o de outros, classificando-o. Para Neves (2000, p.201-202),

Embora o adjetivo qualificador não tenha, em geral, uma posição fixa dentro do sintagma nominal, não se pode dizer que a ordem seja absolutamente livre. Há restrições a determinadas colocações e, além disso, ocorrem diferenças, em maior ou menor grau, nos resultados semânticos, em decorrência de diferenças da posição dos elementos nos sintagmas nominais.

Assim, não se podem estabelecer limites precisos, pois a colocação depende de vários fatores, como, por exemplo, a preferência do falante, o tipo de discurso, o material fônico que constitui o substantivo e o adjetivo, bem como o emprego literal ou figurado, entre outros.

Em Memórias Póstumas de Brás Cubas, adjetivos pospostos e antepostos se misturam, ficando a colocação na dependência dos efeitos de sentido pretendidos: Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao

passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; [...] (AO LEITOR)
Cada século trazia a sua porção de sombra e de luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de idéias novas, de novas ilusões; [...] (p.14)

Achei-me com um derradeiro saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: [...] (p.117)

A ironia, marca do discurso machadiano, é bem urdida na combinação constrativa do exemplo: "- [...] Que mais queres tu, sublime idiota?" (p. 13)

Observa-se também o uso de adjetivos pospostos, formados com o mesmo sufixo, que dão ao texto ritmo e poeticidade:

A mãe viúva trazia-o animado, asseado, enfeitado. (p.21)

Vi-a sair de uma cadeirinha, airosa e vistosa. (p.22)

[...] mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. (p. 22)

[...] a morte em ação, dolorida, contraída... (p. 31)

[...] tudo asseadinho e arranjadinho. (p. 51)

Ainda de grande efeito sonoro e poético, é a aliteração criada pela seqüência de adjetivos em: "[...] eu ficava ali numa ponta da mesa com os meus quarenta e tantos anos, tão vadios e tão vazios." (p. 93)

Havendo dois ou mais adjetivos, as possibilidades de distribuição aumentam consideravelmente, podendo ficar todos depois ou antes do substantivo, ou ser divididos, conforme mais convenha ao ritmo desejado:

Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada... (p.31)

Tal era o espetáculo, acerbo e curioso espetáculo. (p. 13)

E fizeste isto durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual. (p. 20-21)

Quatro ou cinco dias depois, saboreava esse rápido, inefável e incoercível momento de gozo... (p.41)

... tinha uma idéia fixa. Malditas idéias fixas! (p. 26)

Aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os primeiros, [...] (p. 14)

[...] e reli a declaração inoportuna, insólita e enigmática. (p.111)

No exemplo que segue, o sentido dos adjetivos, pospostos ao substantivo, é retomado por verbos, criando-se uma oposição que contagia a própria estrutura do período: "[...] e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas [...]" (p. 14)

Em outra passagem do romance, o sentido do adjetivo retorna na forma adverbial: "Tinha uma asa de frango no prato, e trincava-a com filosófica serenidade, [...]; (e ele chupava filosoficamente a asa do frango), a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria víscera".(p.95)

4. PROCESSOS INTENSIFICADORES

Para realçar a caracterização das personagens, para enfatizar idéias, sentimentos e situações, Machado de Assis, além de antepor o adjetivo ao substantivo, utiliza-o de forma intensiva, superlativizando-o. São exemplos contundentes de repetição enfática o capítulo 4 / IDÉIA FIXA e o capítulo 72 / O BIBLIÓMANO, respectivamente:

A minha idéia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se idéia fixa. Deus te livre,

leitor, de uma idéia fixa; [...] vê o Cavour; foi a idéia fixa da unidade italiana que o matou. [...]

Viva pois a história, a volúvel história que dá para tudo; e, tornando à idéia fixa [...] Era fixa a minha idéia, fixa como... Não me ocorre nada que seja assaz fixo nesse mundo: [...] (p. 9)

É um bibliômano. Não conhece o autor; este nome de Brás Cubas não vem nos seus dicionários biográficos. Achou o volume, por acaso, no pardieiro de um alfarrabista.

Comprou-o por duzentos réis. Indagou, pesquisou, esgaravatou, e veio a descobrir que era um exemplar único... Único! [...]

Ele rejeitaria a coroa das Índias, o papado, todos os museus da Itália e da Holanda, se os houvesse de trocar por esse único exemplar; e não porque seja o das minhas memórias; faria a mesma coisa com o Almanac de Laemmert, uma vez que fosse único. [...] Um exemplar único. (p. 66)

Nesses capítulos, a repetição não só dos adjetivos mas também dos sintagmas nominais dão suporte a uma estrutura textual em que tema e linguagem se casam com perfeição.

Quanto ao emprego do adjetivo no grau superlativo absoluto ou relativo, Machado utiliza as formas tradicionais, sem excesso, uma vez que combate, no próprio texto, o artificialismo da linguagem eloqüente e bombástica da época. Observa-se a ironia a esse tipo de linguagem na descrição que o personagem-narrador faz de Virgília no capítulo 27/ VIRGÍLIA?:

Naquele tempo contava uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não!(p. 35)

No capítulo 134/CINQUENTA ANOS, o autor combina superlativos com metáforas:

Era, portanto, a minha vida que descia pela escada abaixo, - ou a melhor parte, ao menos, uma parte cheia de prazeres, de agitações, de sustos, - capeada de dissimulação e duplicidade, - mas enfim a melhor, se devemos falar a linguagem usual. Se, porém, empregarmos outra mais sublime, a melhor parte foi a restante, como eu terei a honra de lhes dizer nas poucas páginas deste livro (p. 103).

Utiliza também Machado, para efeito de intensificação de idéias, sentimentos e sensações, a gradação em seqüências adjetivas que, além de possibilitar a intensificação gradual do sentido, acaba por produzir ritmo, tornando a frase mais longa e melodiosa.

São exemplos:

De quando em quando um riso jovial, amplo, desabotoado, um riso de família (p. 19).

Mas esse duelo do ser e do não ser, a morte em ação, dolorida, contraída, convulsa, sem aparelho político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que pude encarar. (p.31)

Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro, incongruente, insano... (p. 31)

[...] atinei com a única, verdadeira e definitiva explicação. (p. 49)

[...] - dali para dentro era o infinito, um mundo eterno, superior, excepcional! (p. 63)

5. PARTICIPAÇÃO DO ADJETIVO NA TRANSFERÊNCIA DE SENTIDO

É certamente o emprego da linguagem figurada um fator decisivo para a maior expressividade do discurso uma vez que, afastadas do significado fundamental, assumem as palavras um relevo ou conotação especial. A expressividade, entretanto, não se limita aos vocábulos. Na maioria das construções, ela só é apreendida pelas relações sintático-semânticas que se efetivam na frase, no texto.

5.1 METÁFORAS ADJETIVAS E SÍMILES

Tanto na metáfora como no símile têm-se duas representações, dois elementos relacionados por traços significativos comuns. As metáforas adjetivas se caracterizam pela inadequação lógica ou não-pertinência ao substantivo com que se relacionam sintaticamente. Como esclarece Ullmann (apud MARTINS, 1989, p.95), a imagem deve ter algo de inesperado pela revelação de um traço comum entre duas experiências aparentemente díspares. Além disso, ainda que não seja necessário ser original, "se sua força expressiva se debilitou com a repetição, o escritor terá que rejuvenecê-la e infundir-lhe nova vida". Assim, quanto mais distantes pelo sentido estiverem os dois termos, quanto maior for o efeito surpresa ou o ar estrangeiro tanto mais expressiva será a imagem.

Na linguagem do romance, são vários os empregos do adjetivo e da locução adjetiva ora em metáforas, ora em símiles, com finalidades diversas, como comprovam os exemplos:

O sonho acalentado pelo personagem Lobo Neves de chegar a ministro é ironicamente interrompido com sua morte: "Morria com o pé na escada ministerial" (p.113).

A crítica à estética romântica, à linguagem clichê revigora imagens desgastadas: Ao cabo era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, [...] cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz como o corcel das antigas baladas que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com ele nas ruas do nosso século. (p.21)

O estranhamento de uma combinação inusitada é objeto de metalinguagem: "[...] não sei por que fenômeno de ventriloquismo cerebral (perdoem-me os filólogos essa frase bárbara) murmurei comigo esta palavra profundamente retrospectiva: - magnífica!" (p.102).

5.2 OUTRAS FORMAS DE METAFORIZAÇÃO POR ADJETIVO

A metáfora, processo básico de criação literária, reveste diversas modalidades, entre as quais estão a personificação e a sinestesia. Na obra, há inúmeras metáforas personificadoras, imagens que fixam, no mundo exterior, idéias, pensamentos, sentimentos, enfim, tudo que constitui o mundo interior, a natureza psíquica das personagens. É o adjetivo, por sua própria feição, a classe de palavras que, ao lado do verbo, permite esse tipo de metaforização. Pode-se apontar esse tipo de construção em várias passagens:

Disse isto, e foi para dentro. Eu deixei-o estar com os olhos no lampião da esquina, - um antigo lampião de azeite - triste, obscuro e recurvado como um ponto de

interrogação! (p.73)

De certo tempo em diante não ouvi coisa nenhuma, porque o meu pensamento ardiloso e traquinas, saltou pela janela fora e bateu as asas na direção da casa de Virgília. (p.53)

Espetáculo, cujo fim é divertir o planeta Saturno, que anda muito aborrecido. (p.104)

As metáforas sinestésicas, por sua vez, possibilitam a interpenetração de planos sensoriais. Desse modo, fundem-se sensações visuais com sensações auditivas, gustativas, olfativas, táteis num amálgama de ricos efeitos expressivos. No capítulo 62/ O TRAVESSEIRO, há, na imagem de Virgília, a fusão de duas sensações - tato e olfato: "Virgília era o travesseiro do meu espírito, um travesseiro mole, tépido, aromático, [...]" (p.58). Em outra passagem, Machado, ao descrever o olhar da Baronesa, associa os sentidos do tato e da visão, criando um efeito de grande plasticidade: "[...] reclinava-se, então, na cadeira, desembainhava um olhar afiado e comprido e deixava-se estalar" (p.62). Na descrição da casa da personagem Dona Plácida, impressões diversas se misturam: " depois do almoço fui à casa de Dona Plácida; achei um molho de ossos, envolto em molambos, estendido sobre um catre velho e nauseabundo; dei-lhe algum dinheiro." (p.109)

Nos exemplos apresentados, é o caráter plural do adjetivo que permite ao escritor a unificação de impressões morais com impressões sensíveis.

Na criação e renovação de imagens, nas relações sintagmáticas inesperadas, fica evidente a habilidade de Machado de Assis no manejo da língua portuguesa, em especial do adjetivo, que, na arquitetura do texto, ganha novos contornos e mais força expressiva.

CONCLUSÃO

O adjetivo como espécie de palavra que caracteriza os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhe o modo de ser, o estado, a aparência, a qualidade ou o defeito, entre outras possibilidades, tem, sem dúvida, um papel decisivo como agente evocativo e estimulador da imaginação. Mais que as outras classes de palavras, o adjetivo particulariza o uso da língua, e a sua escolha reflete, de forma sensível, as reações intelectuais e emocionais do falante. Logo, por meio da análise da adjetivação de um texto, pode-se inferir a visão de mundo do artista, suas intenções estéticas e, principalmente, o seu estilo.

Memórias Póstumas de Brás Cubas é a confirmação de um escritor habilidoso, que sabe tirar, das possibilidades latentes no próprio sistema lingüístico, novos usos e sentidos impensáveis.

Na seleção vocabular, nas alianças inusitadas do adjetivo com o substantivo, na criação de expressões metafóricas ou na renovação de construções comuns na língua, Machado, ao atribuir a essa classe de palavras um caráter plurissignificativo, posiciona-se à frente de seu tempo, como um precursor da modernidade.

Ao utilizar uma adjetivação de imensa riqueza lexical, resultante não do excesso, mas de um despojamento intencional da linguagem, Machado de Assis distingue-se dos autores de sua época por seu estilo particularíssimo.

SOBRE O AUTOR

Doutora em Letras e professora da UNISUAM e da UNESA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Moderna, 1993.
- CÂMARA, JR., Joaquim Mattoso. Contribuições à estilística da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1977.
- _____. Ensaios machadianos. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1977.
- CASTRO, Walter de. Metáforas machadianas: estruturas e funções. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1977.
- GUERRA DA CAL, Ernesto. Língua e estilo de Eça de Queiroz. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- MARTINS, Nilce Sant'anna. Introdução à estilística. São Paulo: EDUSP, 1989.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora UNESP, 2000.